

TERAPIA OCUPACIONAL X VIOLÊNCIA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Occupational Therapy X Violence at school: possibility of coping in early childhood education

Terapia Ocupacional X Violencia en la escuela: posibilidad de coping en la educacion infantil early

Monteiro, N. S., Calheiros, M. N. S., & Virgolino, J. G. A. (2021). Terapia Ocupacional X Violência na escola: possibilidades de enfrentamento na Educação Infantil. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 2(5), 153-169. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto34621.

Resumo

Introdução: Sabe-se que a escola é um ambiente que contribui não só para o desenvolvimento de aprendizagem, mas também para a construção da cidadania, e nesse contexto diversas medidas vêm sendo tomadas para o enfrentamento da violência. **Objetivo:** Este artigo propõe investigar as possíveis intervenções da terapia ocupacional para o enfrentamento da violência na escola na educação infantil através de um diagnóstico situacional. **Métodos:** A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, sendo realizada numa escola pública de educação básica localizada no município de João Pessoa-PB e sua coleta de dados se deu por meio de observações das crianças no recreio e aplicação de entrevista semiestruturada com professores e profissionais da educação infantil. **Resultados:** Utilizou-se a análise categorial de Bardin e desenvolveu-se três categorias abrangendo o significado da violência para os profissionais, as realidades do contexto frente a violência na escola e propostas de enfrentamento. **Conclusão:** Concluiu-se que, para o enfrentamento, é necessário construir um trabalho de atenção e cuidado articulado com a escola, crianças, família e comunidade.

Palavras-chave: Violência. Escola. Terapia Ocupacional. Educação Infantil. Enfrentamento da Violência. Crianças.

Abstract

Introduction: It is known that the school is an environment that contributes not only to the development of learning, but also to the construction of citizenship, and in this context several measures have been taken to confront violence. **Objective:** This article proposes to investigate the possible interventions of occupational therapy to cope with violence at school in early childhood education through a situational diagnosis. **Method:** The research is characterized as qualitative, being carried out in a public school of basic education located in the city of João Pessoa-PB and its data collection occurred through observations of children in the playground and application of semi-structured interviews with teachers and early childhood education professionals. **Results:** Bardin's categorical analysis was used and three categories were developed covering the meaning of violence for professionals, the realities of the context in the face of violence at school and proposals for coping. **Conclusion:** It was concluded that, in order to cope, it is necessary to build a work of attention and care articulated with the school, children, family and community.

Keywords: Violence. School; Occupational Therapy. Early Childhood Education. Coping with violence. Children.

Resumen

Introducción: Se sabe que la escuela es un entorno que contribuye no sólo al desarrollo del aprendizaje, sino también a la construcción de la ciudadanía, y en este contexto se han tomado varias medidas para hacer frente a la violencia. **Objetivo:** Este artículo propone investigar las posibles intervenciones de terapia ocupacional para hacer frente a la violencia en la escuela en la educación de la primera infancia a través de un diagnóstico situacional. **Método:** La investigación se caracteriza por cualitativa, realizada en una escuela pública de educación básica ubicada en la ciudad de Joao Pessoa-PB y su recopilación de datos se produjo a través de observaciones de niños en el patio de recreo y aplicación de entrevistas semiestructuradas con profesores y profesionales de la educación de la primera infancia. **Resultado:** Se utilizó el análisis categórico de Bardin y se desarrollaron tres categorías que abarcan el significado de la violencia para los profesionales, las realidades del contexto frente a la violencia en la escuela y las propuestas para hacer frente a la violencia. **Conclusión:** Se llegó a la conclusión de que, para hacer frente, es necesario construir una obra de atención y cuidado articulada con la escuela, los niños, la familia y la comunidad.

Palabras clave: Violência. Escuela. Terapia Ocupacional. Educación en la primera infancia. Afrontamiento de la violencia. Niños.


Natalia Sobral Monteiro 

Universidade Federal da Paraíba.
Departamento de Terapia Ocupacional,
João Pessoa/PB, Brasil.

Maria Natália Santos Calheiros 

Universidade Federal da Paraíba.
Departamento de Terapia Ocupacional,
João Pessoa/PB, Brasil.

Jessyca Gabrielle Albuquerque

Virgolino 

Universidade Federal da Paraíba.
Departamento de Terapia Ocupacional,
João Pessoa/PB, Brasil.

1. Introdução

A violência é um fenômeno complexo e abrangente podendo ser compreendida a partir de diferentes perspectivas. Para a Organização Mundial da Saúde [OMS] (2002) a violência pode ser compreendida como:

o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p.5).

É considerada um fenômeno biopsicossocial que tem a sociedade como seu espaço de desenvolvimento e expressão, onde as particularidades de cada indivíduo se manifestam e se redefinem no contexto histórico e social (Minayo, 2006).

Quanto à natureza da violência, a OMS (2002) classificou em quatro tipos: 1) física; 2) psicológica; 3) sexual e 4) negligência. A violência física envolve atos que ferem a integridade física do outro, associando-se as agressões físicas como atirar objetos, empurrões e chutes. Envolve também o castigo corporal usado como atos de punição contra crianças e adolescentes. A violência psicológica, comumente, acontece por agressões verbais e gestuais que provocam consequências psicológicas e emocionais, tais como provocar medo no outro, ridicularizar e isolar. A violência sexual envolve qualquer ato sexual provocado ou insinuado contra o corpo de outra pessoa sem o consentimento desta. A negligência consiste na ausência ou negação de atenção e cuidados a quem esteja precisando.

A violência tem crescido em todas as esferas da vida social, inclusive no contexto escolar, seja manifestada de maneira física, verbal ou simbólica, é uma realidade que tem marcado o cotidiano de alunos e professores. Os impactos negativos causados pela violência na qualidade de vida das pessoas são inúmeros, afetando o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, além de interferir no desempenho de futuros papéis sociais (Côrtes *et al.*, 2011).

A violência escolar possui três distinções: violência na escola, à escola e da escola (Charlot, 2002). A violência *na* escola refere-se à violência que não tem relação com as atividades escolares, ela se manifesta dentro do espaço escolar, acontece na escola apenas porque seus protagonistas estão inseridos naquele ambiente. A violência *à* escola refere-se àquela que atinge a instituição escolar e seus agentes, refere-se à violência direcionada ao ambiente físico da escola e aos seus equipamentos, incluindo também a violência simbólica contra profissionais da escola. Por fim, a violência *da* escola está associada a fatores de relacionamento e às práticas da instituição escolar que podem prejudicar os alunos, ocorre através da maneira como a instituição e seus profissionais tratam e se relacionam com os estudantes e seus direitos, como o despreparo profissional, conteúdos que não correspondem aos interesses dos alunos e abuso de poder. Considerando estes aspectos, destaca-se que o presente estudo se debruça na perspectiva da violência na escola (Charlot, 2002).

Partindo destas concepções, Spósito (2001) observou uma mudança no padrão da violência, chamando atenção para os efeitos no público infantil, tendo em vista que agressões interpessoais passaram a ser mais frequentes. Charlot (2002) também se atentou para esse fato, verificando no discurso de professoras que, em suas experiências, observaram a prática de violência nos relacionamentos entre as crianças:

professoras da escola maternal dizem que elas também se defrontam com fenômenos novos de violência em crianças de quatro anos [...]e os adultos se interrogam hoje sobre qual será o comportamento dessas crianças quando se tornarem adolescentes (Charlot, 2002, p. 432).

É importante destacar que a escola é um ambiente que contribui não só para o desenvolvimento de aprendizagem, mas também para a construção da cidadania. A escola promove espaços onde os alunos podem experimentar regras de convivência e de sociabilidade, além da promoção do desenvolvimento de habilidades que favoreçam o fortalecimento dos vínculos tanto no espaço da escola, como na família e comunidade, como aponta Santos (2016). Ao contrário disso, o autor retrata que atualmente ao invés da escola ser um espaço onde se deva predominar, amizade, respeito, diálogo e coleguismo, há um número alarmante de casos que envolvem violências, seja entre alunos, contra professores ou patrimônio (Santos, 2016).

Diante disso, estudos que analisaram ações de enfrentamento da violência na escola apontam como sendo como maioria ações voltadas para adolescentes, encontrando-se na literatura poucas medidas de enfrentamento à violência com o público infantil (Tremblay *et al.*, 2008). A partir destas considerações, Silva (2016) enfatiza a necessidade de crescimento da pesquisa sobre violência na educação infantil no Brasil, destacando que a escassez nessa área pode gerar uma negligência sobre o assunto.

Nesta perspectiva o enfrentamento da violência na escola pode ser iniciado ainda na infância, considerando que esses fatores que permeiam a vida da criança influenciarão na construção de sua personalidade e em seu comportamento (Becker & Kassouf, 2016). Portanto, é necessário construir uma rede de suporte multiprofissional para atender às demandas que a escola precisa. Pensando em estratégias de enfrentamento para a violência na escola o terapeuta ocupacional pode contribuir, mediante sua atuação em diferentes campos como na saúde, educação e social, sendo capacitado para realizar uma leitura do cotidiano e contextos de grupos e sujeitos, desenvolvendo estratégias que possam fortalecer as redes de suporte tanto pessoais como sociais (Becker & Kassouf, 2016).

Neste contexto, o terapeuta ocupacional intervém com base na análise de um diagnóstico situacional que consiste no raciocínio para identificar e descrever as relações entre diversos aspectos que perpassam a vivência do cotidiano (Marcolino, 2014). Esse processo permite delinear as necessidades do sujeito ou grupos e mapear a situação que se deseja transformar a partir do delineamento de estratégias de intervenção (Marcolino, 2014).

Diante destas considerações, as práticas da Terapia Ocupacional em contextos sociais promovem a criação de espaços democráticos e horizontais de experimentação e escolha junto ao sujeito ou grupos onde se possibilita experienciar e exercer autonomia, independência e participação (Buelau *et al.*, 2009). Tais ações potencializam a participação dos sujeitos no ambiente, uma vez que promovem, ampliam e favorecem o desempenho ocupacional, através da construção de um ambiente propício para geração de saúde e bem-estar, com oportunidades para os sujeitos e grupos (Carleto *et al.*, 2010).

Este estudo traz contribuições para esta discussão, objetivando elaborar um diagnóstico situacional frente à violência escolar com crianças da educação infantil, bom como avaliar as possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional no enfrentamento da violência neste contexto.

2. Métodos

Esta pesquisa é parte de um projeto maior desenvolvido pela orientadora do estudo, já aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) de número 3.230.196 e foi realizada respeitando as normas éticas de pesquisa científica. Caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória. Foi realizada em uma escola pública de educação básica localizada no município de João Pessoa, selecionada por pertencer à Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Os participantes deste estudo foram divididos em dois grupos: crianças e profissionais. Eles foram assim divididos devido às distintas técnicas de coleta de dados utilizadas, como também para auxiliar no processo de análise dos resultados. No grupo 1 (crianças) os critérios de inclusão foram: estar matriculada na Educação Infantil e frequentando a escola. Foram excluídas as crianças que, por algum motivo, não compareceram ao recreio. As crianças tinham entre 3 e 5 anos de idade e eram observadas em interação com seus pares nos intervalos das aulas.

O grupo 2 era composto pelos professores e funcionários da escola, cujos critérios de inclusão foram: trabalhar com o público da educação infantil há, no mínimo, seis meses, ter contato com as crianças e estar na escola no momento da coleta. Foram excluídos da pesquisa professores e funcionários afastados de suas atividades laborais.

A amostra foi por conveniência, elegendo-se os participantes convenientes intencionalmente (Malhotra *et al.*, 2005). Para seleção dos participantes foi utilizada a técnica de saturação por exaustão, em que o pesquisador elege todos os participantes disponíveis para responder a pesquisa (Fontanella *et al.*, 2008).

Os instrumentos utilizados foram: questionário, diário de campo, roteiro de observação participante e roteiro de entrevista semiestruturada.

A pesquisa foi desenvolvida no período de fevereiro a março de 2019 e a coleta de dados foi dividida em duas etapas: *Etapa 1* – Observação para construção de vínculo com os participantes, além de compreender a dinâmica e relações entre as crianças, seus professores e auxiliares durante o recreio.

Cada observação teve duração aproximada de 30 minutos, durante duas vezes na semana, por cinco semanas. Já as observações na sala de aula do infantil IV aconteceram uma vez na semana com duração de 1 hora. *Etapa 2 - Entrevistas:* consistiu na aplicação de um questionário para caracterização da amostra e da realização de entrevista semiestruturada, realizada em local reservado, registrada através de áudio com duração aproximada de dez minutos cada.

Os dados foram analisados através da Análise Temática Categórica proposta por Bardin (2010) que se divide em: 1) Pré-análise ou leitura flutuante, a fim de obter uma visão ampliada do conteúdo; 2) Exploração do material - é o momento em que se codifica o material; classificam-se e agregam-se os dados, organizando-os em categorias teóricas ou empíricas, categorias estas embasadas nos objetivos da pesquisa e 3) Tratamento dos resultados em que se realiza uma organização, a partir dos dados da etapa anterior que serão catalogados e interpretados, trazendo um resultado coerente.

3. Resultados e discussão

Participaram da pesquisa 60 sujeitos, sendo: 3 professoras, 1 enfermeira, 1 assistente social, 2 porteiros, 1 copeira, 2 profissionais de serviços gerais e 50 crianças distribuídas em suas respectivas turmas. Dos profissionais, 7 eram do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com idades entre 27 e 70 anos. O tempo de trabalho na instituição variou de 8 meses a 23 anos. A amostragem integrou professoras das turmas infantil III, IV e V com experiência na educação infantil.

Com base na análise das entrevistas, identificou-se três categorias temáticas: 1) O significado da violência na escola; 2) Naturalização dos comportamentos violentos e 3) Mediação de conflitos e propostas de enfrentamento da violência na educação infantil.

I. O significado de violência na escola

Para conceituar a violência na escola, a maioria dos entrevistados explorou as experiências e vivências entre os próprios alunos, definindo este fenômeno como agressões físicas, verbais e psicológicas; bullying e desentendimentos entre os próprios alunos, associando a violência com comportamentos que agredem o outro, como chutes, tapas e empurrões. Ou seja, para eles, se configura como um desentendimento entre os alunos, que acontece, quase em unanimidade, durante o brincar. Este fato foi perceptível durante as observações participantes também, como evidenciam os trechos abaixo dos participantes, sobre o que seria essa violência.

"Depende do tipo de violência, o que a gente vê aqui é que às vezes eles brigam, se agarram... qualquer coisa que prejudicar o aluno, já é uma violência, né?" (Porteiro, trabalha há 3 anos na instituição)

"Agressão, né? Palavras, bullying, essas coisas, acho que tudo isso é violência". (Copeira, trabalha há 22 anos na instituição)

Entretanto, alguns profissionais consideraram que estes desentendimentos e as discussões entre os alunos não se restringem à violência física, mas se relacionam à violência psicológica também, como é possível observar nas narrativas abaixo:

"A violência pode ser um olhar violento, uma fala, uma palavra (...) a gente tem a tendência de entender a violência só quando parte pras vias de fato, pra agressividade (...) é até a forma como você olha pro outro". (Professora, trabalha há 4 anos na instituição)

"A violência é tudo que agride o outro, de forma verbal, de forma física, psicológica, tudo que entra demais no espaço do outro é uma forma de violência" (Professora, trabalha há 8 meses na instituição).

Correlacionando aos estudos de Costa (2011), numa escola no Mato Grosso do Sul, professores também relatam que as agressões físicas e verbais são os atos de violência que ocorrem com mais frequência entre os alunos. Os atos de agressividade são apontados pelos professores como a manifestação de violência mais comum, interferindo negativamente no ensino e aprendizagem, prejudicando também as relações interpessoais. Nesse contexto, relataram também o desrespeito e a intolerância, mais comumente expressados através de comportamentos que provocam ofensas e desordens, como pequenas delinquências, agressividade, falta de sensibilidade em relação aos direitos do outro (Charlot, 2002).

Embora alguns autores diferenciem a violência dos atos de incivilidade e agressividade, entende-se que, no meio escolar, são atos que se misturam e se integram, uma vez que se entende a violência na escola como todo ato que, de alguma forma, fere o outro em suas diferentes formas de manifestação (Caimi *et al.*, 2008).

II. Naturalização dos comportamentos violentos.

A banalização da violência abrange todas as classes sociais, que legitimam tais comportamentos nos ambientes onde estejam inseridos, o que não exclui o ambiente escolar. Sobre tais comportamentos, os profissionais relataram que:

"Aqui eu acho tranquilo. Nunca presenciei nada, às vezes é na brincadeira (...) Eu nunca vi violência em termo de agressão física entre eles, a não ser arengas normais entre eles, coisas normais, mas violência mesmo dita aqui é zero". (Porteiro, trabalha há 2 anos na instituição)

"(...) Briga de criança é normal, tá arengando por conta de besteira, é normal." (Serviços gerais, trabalha há 6 anos na instituição)

Houve uma contradição na percepção dos profissionais em relação à existência de conflitos e violência entre as crianças da educação infantil, percebida na fala da maioria dos entrevistados, os quais iniciavam os relatos defendendo a visão de que não existe violência entre as crianças da educação infantil. Percebeu-se uma normalização da manifestação da agressividade entre as crianças da educação infantil, Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 2(5), 153-169, 2021.

sob a justificativa de que tal comportamento não provoca grandes consequências e que a criança não faz por maldade.

Embora os profissionais relatem manifestações da violência entre as crianças, há uma dificuldade de reconhecer essas expressões da infância, tais como chutes, mordidas, empurrões e tapas, como violência. Essa realidade se assemelha à concepção que muitos adultos têm da infância associada à docilidade e inocência da criança, o que torna difícil para esses profissionais reconhecer a agressividade manifestada na infância como um meio de violência (Caimi *et al.*, 2008).

Esta dificuldade para associar as agressividades na primeira infância com violência, advém da comparação da agressividade manifestada pelas crianças maiores, como as do ensino fundamental.

"As agressões não são graves, muito difícil ser muito violento os conflitos (...) Claro que, como você já observou, têm alunos que batem, esmurram, chutam, mas a maioria não, e não é por maldade, é algo assim bem espontâneo. Na hora, a criança pega, puxa e a outra já vai dando tapa, dando empurrão. Eu acho assim, que não chega a ser a violência pela violência como vejo no fundamental. Agora no fundamental tem uns que são realmente violentos." (Professora, trabalha há 23 anos na instituição)

Entretanto, sabe-se que há particularidades na manifestação da violência pertinentes a cada fase do desenvolvimento humano, o que contribui para normalizar a violência entre os profissionais. Sobre esta questão, Lacourse *et al.* (2002) aponta que a criança, no período entre dois e três anos, apresenta um comportamento agressivo físico mais frequente do que quando o indivíduo está na fase da pré-adolescência e adolescência. Percebe-se, nesse período da infância, uma manifestação muito comum de agressões como empurrões, mordidas e golpes. Difícilmente esse comportamento apresenta um dano físico consideravelmente grave, uma vez que a criança nessa idade não porta grande força física. Apesar disso, é importante enfatizar que os profissionais que convivem diariamente com crianças precisam estar sempre atentos a estes comportamentos para atuar como mediadores de possíveis conflitos, auxiliando-as em seu pleno desenvolvimento, evitando a banalização destas situações.

Dessa forma, percebe-se que a dificuldade em reconhecer os comportamentos violentos na educação infantil, nessa escola, se dá pela forma que a mesma acontece, uma vez que na educação infantil os conflitos que se desdobram com violência não tendem a gerar danos de grandes consequências físicas, diferente do que acontece no ensino fundamental, pois as crianças já são maiores e têm um porte físico mais forte. Com isso, é preciso se preocupar com a associação de que não existe violência durante a primeira fase da infância, sendo necessário distinguir de comportamentos naturais daquela fase do desenvolvimento para, então, pensar em estratégias para o seu enfrentamento.

Por outro lado, alguns profissionais entrevistados trouxeram, em suas falas, afirmações que reconhecem claramente a presença de violência nos conflitos entre as crianças.

"Eles têm uma hostilidade, uma agressividade, mesmo na educação infantil, apesar de serem pequenos eles já apresentam essa agressividade" (Assistente social, trabalha há 1 ano e 8 meses na instituição).

Observou-se também a congruência em diversas falas que expressam o entendimento de que a criança, na educação infantil, apresenta um comportamento egocêntrico, sob o argumento que a mesma ainda não possui capacidade de entender os colegas. De tal forma, a manifestação da violência expressa pela criança pode decorrer da busca por autodefesa ou até mesmo na tentativa de defender uma ideia de posse criada com algo que a criança se identifica e entende como pertencente a ela.

"Às vezes eles se desentendem por não compreender o outro. Um quer brincar e o outro não quer, mas aquele que não quer, não sabe dizer um não. Eles são pequenos ainda e não sabem responder, eles externalizam aquilo alí empurrando, aí já machuca e o colega revida" (Assistente social, trabalha há 1 ano e 8 meses na instituição).

É necessário compreender que os conflitos sempre irão acontecer, inclusive são até saudáveis para o desenvolvimento da criança. Para Tigre (2013), a reação violenta de uma pessoa em resposta a uma situação, reflete a maneira que ela encontrou de lidar com seu ambiente, com base no que aprendeu e compreende como comportamento naturalizado. A autora defende que é preciso fortalecer estratégias centralizadas na promoção de espaços para que os conflitos possam ser solucionados.

É possível perceber, no relato de uma professora, que as crianças apresentam um comportamento agressivo mais frequente no início do ano, momento no qual elas estão adentrando em uma nova rotina, representada pela escola. A mesma profissional relata que durante o processo de ensino, a frequência tende a diminuir na medida em que as crianças vão se adaptando à rotina escolar.

Ainda em relação à frequência de comportamentos agressivos por parte das crianças, as professoras relatam que é uma manifestação diária e que os conflitos fazem parte do dia a dia na sala de aula. Nos relatos dos profissionais que não acompanham as crianças em sala de aula, mas que têm contato com elas durante momentos como o intervalo, nota-se que a percepção da frequência é diferente, estes profissionais relatam que é raro ocorrer casos de violência.

Diante disso, é preciso atentar-se também para a influência do ambiente no comportamento das crianças. O espaço escolar é um ambiente do cotidiano, onde passam boa parte de seus dias e também se encontram adultos (profissionais e familiares), portanto, caracteriza-se como um possível espaço de manifestação para a violência, levando-se em consideração que cada indivíduo que pertencente a uma instituição escolar carrega características únicas do seu contexto social, ambiental e cultural, além da subjetividade individual; todos esses aspectos irão se comunicar e interagir dentro do ambiente escolar.

Uma vez que os aspectos ambientais podem influenciar na manifestação da violência entre as crianças, é necessário também observar o fato de que é na educação infantil que este público enfrenta um dos primeiros processos de adaptação ao ambiente. Portanto, é preciso considerar que o processo de

adaptação da criança nesse contexto acontece de maneira particular para cada uma e exerce grande influência nos seus aspectos emocionais, sendo necessário observar como a criança vai lidar com essa transição. Na primeira infância, a criança menor de cinco anos pode ter a personalidade afetada no processo de transição quando está iniciando um vínculo com uma instituição como a escola. Somando-se a isto, muitas vezes, um só profissional precisa lidar com várias crianças ao mesmo tempo. Desse modo, a criança receberá menos atenção, quebrando o vínculo natural mãe x criança, irá começar a compartilhar a atenção daquela nova figura que se apresenta como líder, em um novo espaço, diferente do familiar (Candrea *et al.*, 2009).

Segundo Tigre (2013), quando as crianças reagem de forma violenta a um conflito, estão exteriorizando suas emoções. Essa forma de reagir reflete a imaturidade da criança de lidar com seus conflitos, uma vez que ainda não desenvolveu o controle sobre suas emoções. Diante disso, é preciso que a escola perceba quando os conflitos entre as crianças estão se desdobrando em violência para que haja um enfrentamento. As ações de enfrentamento precisam oferecer subsídios para que a criança aprenda novas formas de reagir aos conflitos, sabendo lidar com suas emoções e sem utilizar a violência como meio resolutivo.

III. Mediação de conflitos e propostas de enfrentamento da violência na educação infantil.

Essa categoria dedica-se a explorar como os profissionais enxergam seu papel e o da escola frente às medidas para lidar com a violência na escola junto à Educação Infantil. Trabalhar a mediação de conflitos através de orientação e a conversa foram as principais estratégias apontadas no processo de educação das crianças. Todos os profissionais relataram que, ao presenciar conflitos, utilizam o diálogo para a conscientização, fazendo com que a criança entenda que ela não deve ser violenta com os colegas.

"(...) Meu trabalho e o da escola é fazer essa mediação, informando que aquilo machuca, fere e não é legal. Eles têm que entender que aquilo não é bom." (Enfermeira, trabalha há 1 ano e meio na instituição)

"(...) Nosso papel é muito de orientação (...) buscar conversar com eles sobre o que pode e o que não pode ser feito, se trabalhar também a questão do respeito e a paciência com os coleguinhas." (Professora, trabalha há 8 meses na instituição)

Todavia, observou-se que alguns conflitos durante o recreio geralmente eram disparados pela disputa em usar ou emprestar os brinquedos entre as crianças. Com relação a estes comportamentos, em algumas das observações realizadas, verificou-se que a professora reagiu de forma contrária ao que relatou nas entrevistas sobre a mediação de conflitos.

Nestas ocasiões, agiu com métodos punitivos como repreensão, castigos e ameaças, quando nas entrevistas – enfatizou a importância do diálogo nestas situações. Em uma das narrativas, uma docente enfatizou a necessidade da mediação de conflito com as crianças acontecer no momento imediato em que o conflito ou situação de violência acontece:

"(...) Não pode deixar pra depois, um adulto você pode chamar depois e conversar, mas eles não, porque, por exemplo, uma criança bateu agora em outra, mas daqui a cinco minutos ela tá abraçando a mesma criança. (...) Aconteceu o conflito, tem que chamar a criança pra conversar e as outras crianças podem presenciar também esse momento para elas já irem aprendendo."
(Professora, trabalha há 4 anos na instituição)

Considerando esta questão da mediação de conflitos, muitos profissionais identificaram o contexto familiar como um forte influenciador no comportamento agressivo das crianças. Destacou-se a preocupação dos profissionais com a estrutura familiar das crianças. Destacaram ainda a importância do envolvimento da família em todo o processo de enfrentamento da violência, pois não há como combatê-la só na escola e ignorar este outro fator, como ilustram os trechos em seguida.

"Às vezes o problema é em casa, problemas nas relações, problemas estruturais acabam passando para a criança." (Porteiro, trabalha há 3 anos na instituição)

"(...) Hoje em dia as famílias querem que a escola eduque, a escola não foi feita para educar, foi feita para ensinar, a escola vai complementar, mas a educação e a disciplina vem de casa."
(Copeira, trabalha há 22 anos na instituição).

Essa realidade demonstra que a relação da família com a escola, muitas vezes, tende a não ser complementar e sim concorrente. Isso acontece quando a família adota uma postura adversa às posturas adotadas pelos profissionais da escola, resultando em um fator agravante para o processo de aprendizagem dos alunos.

Para Reis (2010), a parceria entre a escola e a família é fundamental para desenvolver e efetivar estratégias de aprendizagem adequadas e com sucesso, pois os papéis da escola e da família são complementares. É preciso que a escola também reconheça e saiba lidar com os diferentes modelos de estruturas familiares que podem estar ligados à escola, sendo de extrema importância considerar também a particularidade dos fatores sociais, econômicos e relacionais de cada família, que influenciam de maneira muito particular na educação e desenvolvimento de cada criança. Também existe uma ideia preocupante, trazida por alguns profissionais que, embora reconheçam a importância do vínculo da escola com a família, reduzem o papel da escola à aprendizagem dos conteúdos, pois a escola tem papel que vai muito além disso, sendo essencial na formação cidadã da criança.

A escola é também um espaço de convivência social, onde muitas vezes torna-se o segundo núcleo de interação do sujeito, depois do núcleo familiar. Portanto, é um espaço com relevante influência na formação de valores e do pensamento conceitual de cada sujeito, carregando uma importância simbólica no comportamento de quem passa por ela (Silva, 2012).

Segundo Marques (2011), a escola deve oferecer subsídios para o desenvolvimento dos aspectos relacionados aos domínios afetivo, motor, social e cognitivo. Não podendo a escola abster-se de contribuir para o desenvolvimento desses aspectos na trajetória de vida dos alunos.

Os entrevistados também relataram que consideraram importante o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento a violência na escola com crianças da educação infantil, tendo em vista que, nesta faixa etária, estão em constante e intenso desenvolvimento de aprendizagem, além de ser a escola um dos seus primeiros espaços de convívio social e, portanto, um dos maiores espaços de desenvolvimento de habilidades sociais para ela.

"Investem muito na violência porque esquecem do potencial que essas crianças do infantil tem. Se você trabalhar isso desde cedo, talvez não precise trabalhar mais tarde (...) A criança tem uma formação de caráter muito importante até os cinco anos (...) não se pode dizer que a criança não entende, se não entende hoje é porque ninguém explicou." (Enfermeira, trabalha há 1 ano e meio na instituição)

"Eu acho bom que se tiver essas intervenções, quando chegar no fundamental elas já vão com uma consciência e convívio social muito melhor." (Serviços gerais, trabalha há 6 anos na instituição)

Uma professora acrescentou ainda que o trabalho de conscientização, quando realizado só na adolescência, torna-se mais difícil ao considerar esta fase do desenvolvimento do ser humano.

"No ensino fundamental eles são realmente mais agressivos e na adolescência já é difícil de se conversar com eles porque eles já estão com uma personalidade muito forte e ficam muito na defensiva" (Professora, trabalha há 8 meses na instituição).

As intervenções, quando elaboradas e realizadas exclusivamente durante a adolescência, possuem possibilidades de rejeição maior, tendo maiores chances de não serem adotadas e aceitas pelos alunos nessa fase da vida, pois "na puberdade, toda intervenção se torna odiosa, tirânica e insuportável. É justamente neste período em que os pais e professores se dão conta de importância disciplinar" (Tigre, 2013).

Para além do diálogo de conscientização e da articulação com a família para enfrentar a violência na escola, sugeriu-se também a formação de uma equipe multiprofissional, complementando a equipe da escola com profissionais capacitados para lidar e oferecer melhor atenção às questões que envolvem a violência entre os alunos, como aponta uma das professoras:

"Falta profissionais para lidar com o emocional das crianças, um trabalho de prevenção mesmo". (Professora, trabalha há 4 anos na instituição)

Notou-se, durante as entrevistas, que as professoras se sentem sobrecarregadas com as crianças em relação à mediação de conflitos, pois desenvolvem distintas atividades e não conseguem oferecer atenção adequada às questões particulares de cada criança. Para auxiliar os profissionais da escola em situações que exigem mediação de conflitos, por exemplo, é preciso que a escola se engaje em um trabalho multiprofissional, contando com a intervenção de diferentes profissionais, dentre eles o terapeuta ocupacional.

A falta de ações adequadas para mediação de conflitos e enfrentamento da violência na escola desencadeia, nos professores e demais profissionais que atuam nas escolas, a responsabilidade de lidar com a violência a partir de suas visões e intuições, sem nenhuma orientação de especialistas e sem formação adequada (Guimarães *et al.*, 2008).

Como afirma Ponce (2016), é preciso que os profissionais comprometidos com as mudanças sociais estejam inseridos em contextos de trabalho multidisciplinar para, cada vez mais, desenvolverem e executarem estratégias eficazes para o enfrentamento dos desafios encontrados no âmbito escolar. Gontijo *et al.* (2013) apontam a necessidade de criar estratégias que combatam a naturalização e banalização da violência no contexto escolar, considerando também, nessa perspectiva, a importância de implementar nessas estratégias uma parceria entre os serviços de saúde com a escola.

4. Possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional no contexto observado

Considerando todo o processo de análise acima descrito, foi possível construir um diagnóstico desta escola frente à realidade de violência na educação infantil e vislumbrar a inserção da Terapia ocupacional neste cenário.

Diante desse contexto educacional a respeito da violência, percebe-se que existe uma tendência dos profissionais da escola em culpabilizar a família pelo comportamento das crianças, eximindo a responsabilidade da escola neste processo. Entende-se que escola e família precisam se corresponsabilizar para o enfrentamento da violência ser mais eficaz e relevante com o público infantil.

Considerando estas questões, é necessário desenvolver um trabalho de conscientização dos profissionais a respeito da violência manifestada na primeira infância, além de resgatar o significado da função dos profissionais como pertencentes a uma instituição de ensino, local onde fazem parte da promoção de educação e cidadania de crianças, e, para que isso aconteça, é preciso que os profissionais se reconheçam como potenciais atores de modificação nesse processo.

Têm-se também como fator preocupante a visão dos profissionais entrevistados a respeito dos comportamentos violentos entre as crianças da educação infantil. Visto que muitos enxergam a criança como um indivíduo inocente, que só reproduz comportamentos violentos. Entretanto, é necessário ressignificar estas concepções para diferenciar e reconhecer os comportamentos inerentes ao desenvolvimento saudável da criança daqueles que podem chegar ao ponto de prejudicá-lo. Ademais, para que a criança seja incluída nesse processo de enfrentamento da violência, é preciso que ela também seja reconhecida como participante do fenômeno. Para que a partir disso os profissionais da escola participem de um processo real e eficaz de mediação de conflitos, a fim de promover o enfrentamento da violência, contribuindo para o desenvolvimento saudável das crianças.

A perspectiva do enfrentamento da violência parte da compreensão de que os conflitos são importantes para o desenvolvimento humano quando são tomados como objeto de reflexão (Galvão, 2008). Diante

disso, a Terapia Ocupacional Social no campo da educação contribui para a promoção de um ambiente acolhedor que valorize as potencialidades dos sujeitos. Seja na sensibilização das funções dos profissionais da equipe escolar como na construção de um ambiente favorável para o desenvolvimento dos estudantes. A atuação do terapeuta ocupacional busca a inserção social de todos os sujeitos, de tal forma, promovendo a justiça social, respeitando toda a diversidade existencial, social, cultural e econômica dos sujeitos. Para que assim, o ambiente escolar seja potencializado em sua função, através da criação de ambientes saudáveis para profissionais e alunos (Farias & Faleiro, 2017).

Neste contexto, a Terapia Ocupacional pode contribuir através da mediação de conflitos baseada em intervenções que possam atender de maneira coerente às demandas do contexto específico ao qual se destina. Considerando a avaliação contínua dos aspectos desse contexto, visto que os fatores que envolvem o fenômeno, tais como: o ambiente escolar e familiar, a comunidade e a própria criança estão em constante transformação. É necessário que as ações de enfrentamento se voltem através do reconhecimento e compreensão do cotidiano e da história ocupacional das crianças e dos profissionais, atentando-se para as necessidades dos sujeitos e grupos. Assim como é importante que os profissionais e a própria criança se reconheçam como responsáveis do processo, ao qual fazem parte. É dessa maneira que o profissional poderá auxiliar o sujeito e a coletividade a reconhecerem e compreenderem os conflitos cotidianos, ressignificando seu fazer e pensar, fortalecendo a trama social, e, finalmente, viabilizando uma melhor eficácia das redes de apoio.

O desenvolvimento da autonomia da criança deve ser considerado em todo o processo, valorizando a promoção de espaços de diálogo, onde a criança possa interagir e se colocar no mundo, pois é através disso que a criança pode organizar seus pensamentos, experimentando a sua atuação no mundo e aprendendo a lidar com suas emoções e traumas (COFFITO, 2005). É possível trabalhar, nessa proposta, os aspectos comportamentais que disparam os conflitos entre as crianças. Desse modo, torna-se viável desenvolver habilidades como tolerância às frustrações, a empatia, a assertividade, o autocontrole e expressividade emocional. O terapeuta ocupacional promove espaços e atua como mediador para que as crianças tenham vivências em situações nas quais possam através do experimentar, desenvolver essas habilidades, de tal forma, descobrindo novas formas de reagir a situações que as incomodam, como reagir aos conflitos sem manifestar violência entre elas.

Com o objetivo de fortalecer as redes de suporte social das crianças, o terapeuta ocupacional pode promover e facilitar a articulação entre a escola, a comunidade e a família, visto que é preciso um trabalho integrado que se comunique com todos os contextos que influenciam no desempenho da criança para que as estratégias de enfrentamento da violência tenham maior impacto e efetivação (Kappel *et al.*, 2014).

5. Considerações finais

A violência na escola é um fenômeno que, cada vez mais, faz parte da realidade das crianças, dos jovens e dos profissionais deste contexto, visto que o fenômeno acompanha os estudantes e profissionais desde

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 2(5), 153-169, 2021.

a educação infantil até o ensino médio. Diante disso, o enfrentamento à violência na escola, a partir da educação infantil, torna-se uma medida com relevante potencial para que a escola construa um ambiente com menos violência, no qual a partir da entrada da criança no universo escolar ela possa aprender a construir relações mais saudáveis, onde os conflitos possam ser resolvidos sem violência.

A experiência possibilitou a compreensão de que o enfrentamento da violência na escola é um desafio para todos os envolvidos, sendo necessário considerar todos os aspectos envolvidos no fenômeno, como as relações entre a escola, os estudantes, a família e a comunidade, para que, assim, as ações de enfrentamento possam integrar a atenção e cuidado em todos os aspectos, fortalecendo e construindo uma rede assistida, integrada e consciente, promovendo uma intervenção embasada na horizontalidade, respeitando a coletividade e o papel de cada ator social.

Embora a escola tenha que lidar com uma complexidade de desafios, este espaço não pode abster-se de se reconhecer como portador de recursos indispensáveis na formação de cada indivíduo que passa pela escola. É imprescindível que o corpo de profissionais seja fortalecido, resgatando a função social da escola, além de fortalecer as relações entre os próprios profissionais para que, dessa forma, a escola tenha suas funções potencializadas, uma vez que a realização de um trabalho em conjunto torna as ações mais eficazes, pois integram os conhecimentos de cada profissional.

Diante disso, a Terapia Ocupacional tem grande potencial para desenvolver ações de enfrentamento da violência nesta escola, facilitando a mudança de sua realidade, buscando conscientizar o corpo de profissionais acerca da importância de se envolver de forma mais dedicada e embasada mediações de conflito nessa faixa etária para que se possa atingir um enfrentamento eficaz, capaz de transformar as relações estabelecidas entre os alunos durante o seu desenvolvimento no espaço escolar. Além disso, pode contribuir articulando ações e estratégias junto aos familiares através de palestras e orientações; e com as crianças de forma mais prática por meio de oficinas e atividades lúdicas.

Ainda sobre a perspectiva de atuação da Terapia Ocupacional nesse contexto, destacam-se também potencialidades no processo de articulação das redes de apoio e na formação de estratégias de mediação de conflitos com base no desenvolvimento de habilidades sociais para um melhor envolvimento das

crianças em suas relações e, concomitantemente, na construção de um ambiente mais inclusivo e saudável que potencialize e integre cada sujeito no contexto escolar. Contudo, ressalta-se que é preciso encarar os conflitos não como algo a ser absolvido das relações interpessoais, mas como um processo que pode tornar-se construtivo no desenvolvimento humano a depender da forma que é encarado e das atitudes tomadas para solucioná-los (Galvão, 2008).

Referências

Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Becker, K., & Kassouf, A. (2016). Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. *Nova economia*. 26(2), 653-677.
- Buelau, R. M., Inforsato, E. A., & Lima, E. M. F. A. (2009). Exercícios de sonhar junto: criatividade e experiências estéticas no acompanhamento de uma criança. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. 20(3), 164-170.
- Caimi, C. L., Oliveira, L. F. L., & Haushahn, R. C. (2008). Concepções de Agressividade no Âmbito da Educação Infantil. In: *Contexto e Educação* (pp. 155-179). São Geraldo: Editora Unijuí.
- Candрева, T., Cassiani, V., Ruy, M. P., Thomazini, L., Freita H. C. de, & Prodócimo, E. (2009) A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. *Pensar a prática*. 12(1), 1-11.
- Carleto, D. G. S., Alves, H. C., & Gontijo, D. T. (2010). Promoção de saúde, desempenho ocupacional e vulnerabilidade social: subsídios para a intervenção da Terapia Ocupacional com adolescentes acolhidas institucionalmente. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. 21(1), 89-97.
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*. 4(8), 432-443.
- Côrtes, C., Gontijo, D. T., & Alves, H. C. (2011). Ações da Terapia Ocupacional para a prevenção da violência com adolescentes: relato de pesquisa. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. 22(3), 208-215.
- Conselho Federal De Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO. (2005). *Revista Coffito*. Brasília. Ano 7, n. 24.
- Costa, P. A. da S. (2011). *Violência no cotidiano escolar: a visão dos professores que atuam no ensino fundamental de escolas públicas do município de Corumbá-MS*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Pioneiros, MS, Brasil.
- Farias, M. N., & Faleiro, W. (2017). Contribuições da Terapia Ocupacional Social nas escolas do campo. *Revista Brasileira de Educação do Campo*. 2(--), 542-562.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*. 24(1), 17-27.
- Galvão, L. (2008). *Cenas do cotidiano escolar: conflitos sim, violência não*. Petrópolis: Vozes.
- Gontijo, D., Julião, C., Kappel, V., Alves, H., & Farinelli, M. (2013). Identificação e caracterização da violência escolar: subsídios para ações de enfrentamento. *Mundo Saúde*. 37(1), 16-24.

Guimarães, C. M., Lopes, C. C. G. P., Fernandes, J. G. D., Sábio, S. C., Rodrigues, S. A., & Toninato, T. D. (2008). A produção científica brasileira sobre as práticas de formação inicial e continuada de professores para a educação infantil no período de 1996-2006. *Revista Interações*. 9(--), 32-65.

Kappel, V., Gontijo, D., Medeiros, M., & Monteiro, E. (2014). Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. *Interface: Botucatu*. 18(51), 723-35.

Lacourse, E., Coté, S., Nagin, D. S., Vitaro, F., Brendgen, M., & Tremblay, R. E. (2002). A Longitudinal-experimental Approach to Testing Theories of Antisocial Behavior Development. *Development & Psychopathology*. 14(--), 909- 924.

Malhotra, N. K., Rocha, I., Laudissio, M. C., Altheman, E., & Borges, F. M. (2005). *Introdução a Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Marcolino, T. Q. (2014). Reflexões sobre a investigação do raciocínio clínico em terapia ocupacional em saúde mental: o caso do Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*. 22(3), 635-642.

Marques, R. (2011). *Professores, família e projecto educativo*. Lisboa: Asa Editores.

Minayo, M. C. S. (2006). *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Genebra.

Ponce, J. (2016). Equipes Multidisciplinares e seu papel nas escolas: Uma experiência baseada em Obras de Arte. In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas*. Curitiba: SEED/PR.

Reis, L. (2010). *A participação da família no contexto escolar*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Santos, H. (2016). A violência presente nas relações entre alunos e professores no contexto escolar: um estudo bibliográfico. Disponível em: <https://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Helen.pdf>.

Silva, J. P. da. (2016). *Violência na educação infantil: apreensão dos sentidos e significados docentes*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Pioneiros, MS, Brasil.

Silva, R. P. da. (2012). A escola enquanto espaço de construção do conhecimento. *Revista Espaço Acadêmico*. 12(139), 83-91.

Spósito, M. P. (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*. 27(1), 87-103.

Tigre, M, das G. do E. S. (2013). *Escola, Juventude e Violência: um estudo no ensino médio*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, SP, Brasil.

Tremblay, R., Gervais, J., & Petitclerc, A. (2008). *Prevenir a violência pelo aprendizado na primeira infância*. Montréal: Centre d'excellence pour le Departamento de Psicologia 10 développement des jeunes enfants. Disponível em:

http://www.excellencejeunesenfants.ca/documents/Tremblay_RelatorioAgressao_PRT.pdf.

Contribuição dos autores:

Natalia Sobral Monteiro: autora principal do trabalho, participou de todas as etapas. Maria Natália Santos Calheiros: orientadora de todas as etapas do trabalho. Jessyca Gabrielle Albuquerque Virgolino: revisão da redação e formatação do texto e referências.

Recebido em: 14/05/2020

Aceito em: 29/01/2021

Publicado em: 12/05/2021

Editor: Rafael Garcia Barreiro